



APLG

Associação de Professores
de Latim e Grego

BOLETIM n.º 61 — 2ª Série

DEZEMBRO de 2017

internet: <http://apl36.wixsite.com/aplgpt>

Apartado 4099 — 3 030 - 999 Coimbra ; e-mail: aplg@mail.pt ; aplg.direccao@sapo.pt

Facebook: <https://www.facebook.com/APLG.pt/>



*As crianças viravam as folhas
dos dias enevoados
e da página do Natal
nasciam os montes prateados*

*da infância. Intérmina, a mãe
fazia o bolo unido e quente
da noite na boca das crianças
acordadas de repente.*

...

*Natal bordado por tias
que teciam com seus dedos
estradas que então havia
para a capital dos brinquedos.*

*E as crianças com a tinta invisível
do medo de serem futuro
escreviam os seus pedidos
no muro que dava para o impossível,*

*chão de estrelas onde dançavam
a sua louca identidade
de serem no dicionário
da dor futura: saudade.*

Natália Correia, 'O Dilúvio e a Pomba'

I. REFLEXÕES

Fugit irreparabile tempus...

Foge o tempo mais depressa agora... Ainda ontem foi Natal, ainda há dias começámos a trabalhar, a estudar, a... Foi tudo ainda há pouco... E aqueles tempos em que se dizia sobre algo que não iria acontecer que “era só lá para o ano 2000”?! E, no entanto, 2000 chegou, e passou, e estamos em 2017, no final já. Será que os meses têm os mesmos dias?! E os dias as mesmas horas? Ou terão os deuses encurtado a viagem do Sol?

É Natal outra vez. Época de relembrar afetos, de renovar desejos, de falar àqueles para os quais tivemos pouco tempo ao longo do ano. Sempre o tempo... *Fugit ... irreparabile...* tem razão o poeta!

Por isso, também, aqui estamos a desejar um Bom Natal a todos, uma paragem da azáfama escolar, para ganhar novas forças, novo fôlego, o entusiasmo que permita enfrentar Janeiro e os meses que se seguem, que também irão passar a correr...

Séneca dizia que a correria para agarrar o tempo não pode fazer-nos felizes, a felicidade é outra coisa:

“ Eu tenho todo o vagar que quero, e, aliás, só não tem vagar quem não quer. Os afazeres não andam atrás de alguém: os homens é que se agarram aos afazeres, entendendo as suas ocupações como sinónimo de felicidade.” Cartas a Lucílio, 106, 1.

São assim estes tempos apressados. O poeta Nuno Júdice vê-o numa outra perspectiva:

A Crepitação dos Segundos

Não sei o que é o tempo, nem quando
o tenho (quando o tempo vive no interior
da casa do homem) nem quando o perco (e
a busca me obriga a sair de casa para
encontrar o tempo). O tempo tem um ventre
redondo como o da mulher que espera
a criança; e rola nas grandes manchas
da noite, onde uma luz insone o contamina
com o seu brilho. Tiro o tempo de onde
o vejo; e ponho-o nos socos da vida,
rego-o com a água dos grandes rios,
vejo-o crescer, como a árvore que
não sei se existe, a não ser quando a
sua sombra me deixa tempo para
pensar no que está sobre a sombra: o céu?
Ou essa figura que entreabre os olhos, quando
chamamos por um deus que nos ouça, e
descobrimos que o azul o esconde?

Nuno Júdice, *A Matéria do Poema*, 2008

O tempo na vida da APLG

Na vida da Associação, um tempo de balanço, de apreciação do que foi feito e do que falta fazer, do que podia ter sido feito e do que não pudemos fazer por não depender de nós.

Este ano de 2017, continuando o trabalho iniciado em 2016, foi, em termos oficiais, dedicado à definição das Aprendizagens Essenciais. Reuniões e mais reuniões na Direcção Geral da Educação, trabalho em casa, envio de trabalhos, e revisão, e novas revisões... um trabalho que ainda não terminou. Valeu a pena? Não sei se diríamos, como o poeta, que tudo vale a pena... Valerá? É que a língua latina continua praticamente esquecida. Estas “Aprendizagens Essenciais” não estão a ser experimentadas em nenhuma escola, porque das poucas escolas públicas onde há uma turma de latim no 10º ano nenhuma está integrada no projecto de Flexibilidade Curricular.

É esta situação que nos deixa, por vezes, algum desânimo, uma sensação de impotência. Não conseguimos alterar o rumo das coisas. Oficialmente não há vontade, pois tudo agora gira à volta das tecnologias, da “utilidade” imediata das coisas, da preparação para o mercado de trabalho do futuro (que não se sabe qual será!). E as Humanidades são consideradas supérfluas, coisas desnecessárias, não trazem proveito imediato. Quando se trata das línguas clássicas a situação é ainda pior. Quem quer saber do Latim? E do Grego? São coisas do passado, ultrapassadas! É uma corrente generalizada, as normas vêm de fora, a crise das Humanidades é mundial. E, no entanto, os *utilitaristas* terão de reconhecer a utilidade da formação humanística, terão de aceitar que aí está o futuro, que nessa formação está o germe da criatividade, da inovação, daquilo que é preciso ao cidadão do amanhã, um futuro que não se sabe como será. E só a formação nas humanidades, o conhecimento das línguas, da filosofia, da história poderão formar um cidadão apto a enfrentar todas as inovações, a ser capaz de defender um mundo mais justo,

mais humano, menos robotizado. E o conhecimento do passado é fundamental. Uma sociedade que ignora o seu passado é uma sociedade moribunda, porque é necessário sabermos de onde viemos para decidirmos para onde queremos ir.

Será, então, o mais importante definir “Aprendizagens Essenciais”? Serão elas a salvar o futuro das nossas escolas e dos nossos jovens? E os professores? Quando será o seu papel valorizado? E quando será dado mais tempo para a leitura, para a reflexão, para a interiorização do conhecimento? É isso o que falta no curriculum escolar e é isso que é urgente recuperar. Valorizar o conhecimento, a aprendizagem da língua portuguesa e das suas origens, as raízes greco-latinas, reconhecer a importância do professor, dos seus conhecimentos, do seu insubstituível papel no diálogo pedagógico.

Nisto reside a esperança que não podemos perder, para continuar na defesa dos valores em que acreditamos.

Isaltina Martins

II. INFORMAÇÕES:

1. Publicações relevantes:

Os anos de 2016 e 2017 foram pródigos em livros sobre as humanidades e os estudos clássicos que se tornaram best-sellers. Eis alguns exemplos:

- Nicola Gardini, *Viva el latino. Storie e bellezza di una lingua inutile*, Garzanti, 2016.
- Nicola Gardini, *Con Ovidio — La Felicità di leggere un classico*, 2017.
- Maurizio Bettini, *A che servono i Greci e i Romani?*, Einaudi, 2017.
- Andrea Marcolongo, *La lingua geniale — 9 ragioni per amare il greco*, Laterza, 2016.
- Ivano Dionigi, *Il presente non basta. La lezione del latino*, Mondadori, 2016.
- Carlos García Gual, *La luz de los lejanos faros, una defensa apasionada de las humanidades*, Ariel, 2017.

2. Site da Associação:

O site da APLG foi remodelado e atualizado. Foi aberta uma página exclusiva para os Associados onde vão sendo colocados materiais de apoio à leccionação das Línguas e da Cultura Clássica. Os interessados só terão de pedir o código de acesso, identificando-se como associados da APLG. Podem também enviar-nos materiais que queiram partilhar com os colegas e encarregar-nos-emos de os divulgar aí pelo mesmo processo.

3. 2017 — Bimilenário da morte de Ovidio

“Campidoglio, approvata la mozione M5S: "No all'esilio, torni Ovidio" “— Este o título de uma notícia no jornal italiano *La Repubblica*, de 14 de Dezembro de 2017. Foi assim: a Assembleia Capitolina aprovou, por unanimidade, uma moção do movimento “5 stella”, para a reabilitação do poeta latino.

Foi revogada, oficialmente, a *relegatio* do Imperador Augusto!

Publius Ovidius Naso, o poeta da *Ars Amatoria*, das *Metamorfoses* e de tantas outras obras, nasceu em Sulmona, a 20 de Março do ano 43 a. C. e morreu no ano 17 d. C., no exílio, em Tomos, junto ao Mar Negro (actual Constança, na Roménia), para onde tinha sido desterrado, por ordem de Augusto, dez anos antes.

Assim o recorda o poeta:

Quando me vem à lembrança a tristíssima imagem
daquela noite que marcou os meus últimos
momentos na cidade, quando recordo a noite
em que deixei tantas coisas queridas,
ainda agora uma lágrima desliza dos meus olhos.

Estava próximo o dia em que César ordenara
que eu passasse a fronteira da distante Ausónia.
Não tivera disposição nem o tempo necessário
para os preparativos ...

Ovídio, Livro I, “Elegia Terceira”, in *Poemas do desterro* (tradução de Albano Martins), Edições Afrontamento, 2017.

Sulmona, fecundada por frescas águas,
é a minha pátria, a noventa milhas
de Roma. Foi lá que nasci.

Livro IV, “Elegia Décima“

III. SUGESTÕES:

Será que os deuses ensandeceram?

As recentes alterações climáticas têm-me feito lembrar, com mais frequência, Prosérpina, a jovem que vivia sem preocupações com sua mãe, Ceres, até ao momento em que Plutão, o deus dos Infernos, a raptou. Ainda que, na mitologia grega, Prosérpina seja Perséfone, Ceres seja Deméter e Plutão tenha a designação de Hades, o mito perdura, cumprindo o seu papel através de várias gerações. No entanto, parece-me que o acordo entre o deus e a mãe não está (ou não estava) a ser cumprido.

Senão, vejamos: ficara decidido que a jovem permanecia uma parte do ano com a divindade no seu palácio nos Infernos e outra parte com a mãe na Terra. Desta forma, se explicavam as quatro estações do ano e o seu carácter cíclico. Assim, a descida ao mundo subterrâneo na época das sementeiras, deixava a sua mãe, infeliz e, progressivamente, cada vez mais saudosa, aguardando com impaciência o regresso da filha; deusa da Natureza e da fecundidade, Ceres, deixava de prestar atenção às culturas e assistia-se aos terrenos sem cultivo, de forma mais acentuada no Inverno. O regresso de Prosérpina para junto da progenitora trazia a esta alegria e felicidade, e aos Homens a Primavera: a vegetação irrompia, as flores desabrochavam; as sementeiras cresciam, e o alimento, fonte de toda a vida, estava assegurado. No entanto, depois do Verão, era tempo de voltar às profundezas, para grande desgosto de Ceres; e a circularidade das estações trazer, novamente, o Outono e o Inverno.

Porém, perante a atonicidade e incapacidade do Homem, o acordo não tem sido cumprido e, por exemplo, em Portugal, os meses de Outubro e de Novembro de 2017 registaram temperaturas acima da média, os rios estavam praticamente sem caudal e as barragens quase sem água. Houve até populações que tiveram de ser abastecidas por corporações de bombeiros, apoiadas por camiões-cisterna.

Por tudo isto (e pela paixão por este tipo de histórias mitológicas, e pelos Estudos Clássicos), é tempo de voltar a rememorar este mito (plasmado em várias artes) e outros da mitologia greco-romana. No caso de se lidar e/ou trabalhar com crianças e adolescentes, é uma proposta a seguir. Porque não fomentar momentos de desenho, ilustrações, picotagem de personagens para criação de placar com várias sequências narrativas, usando, por exemplo, materiais a reciclar? E que tal criar esta mesma dinâmica num átrio da escola, designando-o como *O Cantinho dos Mitos*? Ou utilizar as novas tecnologias e ferramentas digitais?

Recorde-se que, na Antiguidade Clássica, o mito aqui abordado foi transmitido por Homero (aquando da descida de Ulisses aos Infernos, *Odisseia*) e Hesíodo (*Teogonia*, 912). Encontramos também referências que revelam que foi contado por Ovídio (*Fastos* IV, 417-620; *Metamorfoses* V, 332-571), Columela (séc. I, d. C – *De Agricultura*, livro X), Claudiano (séc. IV – *De Raptu Proserpinae*), entre outros.

Quanto aos artistas, retiveram sobretudo o episódio do rapto: no séc. XVI, Niccòlo dell’Abate; no séc. XVII, Rembrandt, na pintura e Bernin, na escultura. Também a música eternizou a jovem Prosérpina com óperas homónimas: em 1680, de Lully e, em 1887, de Saint-Saëns.

Ainda que surjam versões diferentes, a base do mito permanece e a releitura deste e de outros mitos muito importante para todas as artes (incluindo o cinema) e a formação cultural dos alunos.

Outra iniciativa a considerar para explorar e trabalhar é a que foi, recentemente, lançada – *Clássicos em Rede*, uma parceria da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa com a Rede de Bibliotecas Escolares, na qual podem e devem todas as Bibliotecas Escolares participar. Neste caso, os temas a explorar, no ano letivo de 2017/18, são “Ulisses e Penélope”, “Minotauro e o labirinto”, “Zeus e os Jogos Olímpicos”. E tanto que pode ser feito... basta querer.

Perante o exposto, apetece bradar: “Volta sempre à Terra, Prosérpina, mas não olvides Hades – a raça humana e a sustentabilidade do planeta agradecem!”

Célia Mafalda Oliveira



